
CÁTEDRA
OLAVO
SETUBAL
DE ARTE,
CULTURA
E CIÊNCIA

#4
VOLUME 1
**RELAÇÕES DO
CONHECIMENTO
ENTRE ARTE E
CIÊNCIA – GÊNERO,
NEOCOLONIALISMO
E ESPAÇO SIDERAL**

Parceria do Instituto de Estudos
Avançados da Universidade de São
Paulo (IEA-USP) com o Itaú Cultural

DOI: 10.11606/9786587773162

UMA JORNADA TRANSDISCIPLINAR PELA ARTE E PELA CIÊNCIA

Martin Grossmann →
Liliana Sousa e Silva →
Organizadores

A CÁTEDRA OLAVO SETUBAL de Arte, Cultura e Ciência, por ter um modelo flexível e aberto a experiências diversificadas, optou em 2019 pelo caminho de uma dupla titularidade, reunindo Helena Bonciani Nader e Paulo Herkenhoff como catedráticos. A junção de uma cientista bioquímica e docente com um pensador das artes e gestor cultural propiciou uma profícua reflexão sobre as relações entre arte e ciência, por meio da jornada de seminários intitulada “Relações do Conhecimento entre Arte e Ciência: gênero, neocolonialismo e espaço sideral”.

A proposta da jornada foi promover uma discussão profunda sobre as inter-relações entre arte e ciência ao longo dos tempos, perpassando aspectos como proeminência cultural de um país sobre outro, questões de gênero, de estilos e formatos. As discussões buscaram evidenciar como o imbricamento arte-ciência e ciência-arte pode ser relevante para ambas e também suas potencialidades para o envolvimento social, cultural e científico dos profissionais em um nível interdisciplinar.

Foram 19 encontros, realizados entre agosto e dezembro de 2019, reunindo mais de 80 convidados que representam a fronteira do conhecimento nos temas propostos e que são lideranças em suas áreas de atuação. Participaram pesquisadores e cientistas das mais variadas áreas de conhecimento, artistas, ativistas, pensadores, lideranças religiosas e indígenas de diferentes etnias. Esse rico diálogo, a partir de diferentes perspectivas, mostrou como essas duas atividades humanas – a arte e a ciência – são despertadas pela curiosidade, pela imaginação, pelo olhar atento para o mundo, pela criatividade e pela pesquisa. Além disso, contribuiu para o aprofundamento da vocação transdisciplinar

da Cátedra e do próprio Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP), que a abriga desde 2015, quando foi concebida. Todos esses encontros foram gravados e estão disponíveis no site do IEA.¹

Durante esses encontros, as relações entre arte e ciência foram debatidas sob diversas perspectivas – em suas semelhanças, em suas diferenças, em seus conflitos, em sua inseparabilidade. Pode-se dizer que ambas lidam com o não saber, com aquilo que precisamos experimentar, descobrir, interpretar; ambas preenchem vazios e produzem pensamento crítico a partir da curiosidade. Tanto a arte como a ciência utilizam a percepção do mundo para guiar seu trabalho, transformando informações complexas em resultados de um processo de trabalho. Se a sensibilidade artística se inventa e se constrói como objeto em si, a linguagem científica codifica seu objeto e elabora um discurso sobre um fenômeno (cf. Plaza, 2003).

Em razão do contexto brasileiro naquele momento, a jornada acabou assumindo também, por um lado, um caráter de manifesto, configurando-se como uma exposição coletiva de desagravo às medidas de desvalorização e negação da ciência, da educação, da arte, da cultura, da diversidade e, por outro, de crítica ao negacionismo, à intolerância, ao desrespeito aos direitos humanos.

A jornada foi oferecida como disciplina a alunos de pós-graduação da Universidade de São Paulo, de qualquer área de conhecimento, em

parceria inédita com a Pró-Reitoria de Pós-Graduação, tornando-se uma das primeiras disciplinas de pós promovida sem vínculo com um programa específico de pós-graduação, favorecendo, portanto, a interdisciplinaridade. A jornada também acolheu alunos do curso “Arte: Crítica e Curadoria”, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), representantes do Itaú Cultural e interessados em geral, o que também contribuiu para multiplicar as perspectivas e possibilidades de interlocução.

Este livro traz os resultados dessa instigante jornada e tem como espinha dorsal as transcrições dos encontros, com as adaptações necessárias à inteligibilidade de um texto originado na oralidade. Buscou-se manter a natureza de diálogo que marcou a jornada e o estilo de fala de cada um dos participantes, de modo a refletir a diversidade de narrativas e perspectivas. O livro traz também uma breve biografia de Helena Bonciani Nader e de Paulo Herkenhoff, além de uma síntese da cerimônia de posse dos catedráticos, ocorrida em 28 de março de 2019, com os discursos institucionais, a despedida de Eliana Sousa Silva, catedrática no período de 2018-2019, e as saudações aos novos titulares.

A mesa de abertura e os dois primeiros encontros da jornada abordaram a urgência de se pensar o futuro brasileiro e global sob a perspectiva dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), propostos pela Organização das Nações Unidas em 2015. Os 17 objetivos, que têm 169 metas relacionadas, reconhecem que a erradicação da pobreza, em todas as suas formas e dimensões, é o maior desafio global atualmente e requisito indispensável para o desenvolvimento sustentável. No primeiro dia, foram discutidos os desafios e problemas da educação e da cultura brasileiras. No segundo dia, a ênfase recaiu sobre as desigualdades existentes no Brasil em relação à educação e à saúde, frutos de um sistema tributário injusto que nos impede de alcançar a equidade social. Também foram abordados desafios globais, como a questão das mudanças climáticas e a necessidade de adaptar a dinâmica econômica mundial para um modelo sustentável.

¹ A programação completa e vídeos, fotos, notícias e textos podem ser consultados no site do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP), disponíveis em: <<http://www.iea.usp.br/catedra-olavo-setubal/>>.

O terceiro e o quarto encontros partiram da premissa de que as trajetórias do polímata italiano Leonardo da Vinci e do artista plástico brasileiro Cildo Meireles são ambas marcadas pela interação entre ciência e arte. Os especialistas convidados trouxeram abordagens históricas, científicas, matemáticas e sociológicas relacionadas a esses dois artistas-cientistas.

O quinto encontro trouxe experimentos e reflexões sobre arte e tecnologia, tendo como ponto de partida os projetos de bioarte de Eduardo Kac. Também foi abordado o uso da inteligência artificial na interpretação de pinturas e, ainda, o uso de algoritmos em obras de arte. Já o sexto encontro discutiu as possibilidades de interdisciplinaridade entre conhecimentos diversos, como o uso da física em obras artísticas, os fractais na natureza e nas composições musicais, os modos de interação com as tecnologias, a voz como instrumento, e também as relações entre psicanálise e arte.

O sétimo encontro discutiu como a ciência tem situações de falhas e equívocos e como os artistas exploram esses momentos de dificuldade de saber. Também foi abordada a questão da verdade na ciência, não como uma categoria absoluta, mas como consenso da comunidade científica num determinado momento, ficando sujeita a redefinições diante de novas evidências. O oitavo encontro reuniu mulheres dos mais diversos campos de expressão para tratar da participação feminina na arte e na ciência, passando pela literatura de Clarice Lispector, pela realidade das favelas da cidade de São Paulo, com uma breve passagem pela visão de Carolina Maria de Jesus, pela presença feminina nas áreas científicas no país e na gestão de instituições científicas, pela produção artística e poética de três internas de instituições psiquiátricas, culminando com uma leitura dramática de textos de Anna Maria Maiolino por Denise Stoklos.

O nono encontro dedicou-se a experiências em que a arte se torna um processo de envolvimento entre o projeto do artista e segmentos marginalizados ou fragilizados da sociedade, seja pelo compartilhamento de direitos e frutos financeiros da obra, seja

pelo envolvimento direto desses segmentos no fazer artístico, ou mesmo em processos de formação educativa. Seu foco foi a arte como “diagrama de alteridade”.

Os encontros seguintes trataram de diferentes aspectos do modernismo, do concretismo e do neoconcretismo, pontuando as questões ideológicas que influenciaram os posicionamentos artísticos e as rixas entre paulistas e cariocas. O décimo encontro abordou a manifestação da razão geométrica nas artes plásticas brasileiras, em várias vertentes, a partir dos anos 1950. O décimo primeiro tratou do neoconcretismo e a atuação de Mário Pedrosa, escritor, jornalista, crítico de arte e ativista político. Abrigou, também, duas visões científicas relacionadas ao neoconcretismo: o trabalho da psiquiatra Nise da Silveira no Centro Psiquiátrico do Engenho de Dentro, na cidade do Rio de Janeiro, e o uso da topologia geométrica na descrição de obras de arte. O décimo segundo encontro abordou os fundamentos teóricos do neoconcretismo, a evolução de artistas ícones do movimento e o contexto científico do período. O objetivo foi analisar o processo construtivo na arte brasileira e as relações entre neoconcretismo e tropicalismo.

O décimo terceiro e o décimo quarto encontros abordaram a diversidade da sociedade brasileira, sua afirmação na arte e a luta contra a violência a que está sujeita ao longo da história do país. Foram discutidas as transformações e a fluidez das identidades de gênero, assim como as formas de opressão do corpo na sociedade contemporânea. O décimo terceiro encontro trouxe artistas que falaram de seus trabalhos que têm como referência a cultura LGBTQIA+, seus próprios corpos e assassinatos de travestis, transexuais e outras violências homofóbicas. Os representantes da ciência que compuseram a mesa mostraram como a própria psiquiatria vem passando por grandes transformações nas últimas décadas em relação às questões de gênero e orientação sexual e como os códigos de como pensar e agir são afetados pelas forças do mundo social, que produzem estranhamento em seu corpo.

O décimo quarto encontro tratou de diferentes aspectos da constituição da sociedade brasileira, como a imigração dos judeus para o Brasil, os fluxos de imigração árabe que influenciaram nossa música e nossa arquitetura, os percalços das artes visuais na discussão de signos identitários e decoloniais, as práticas e valores da região amazônica e a solidariedade ribeirinha e, por fim, a narrativa colonialista do Ocidente e o massacre sofrido pelos povos originários.

Os décimo quinto e décimo sexto encontros trataram das relações entre história e mito e suas implicações na arte, no saber tradicional e na ciência, com foco em culturas indígenas. A mesa do décimo quinto encontro reuniu representantes indígenas e antropólogos para abordar aspectos da cultura dos povos Huni Kuin e Guarani. A mesa do décimo sexto contou com a presença do escultor Ernesto Neto, artista que tem buscado a visão cosmogônica de algumas sociedades indígenas. Além da análise de algumas obras do artista, foram abordadas as razões pelas quais ele se considera um artista não ocidental, com abertura ao pensamento indígena e a busca por reunificar o que o Ocidente separou – sujeito e objeto; natureza e cultura.

A Semana da Consciência Negra foi comemorada por dois encontros que abordaram formas do racismo no Brasil, o modo de representação dos negros em livros escolares, como nas gravuras de Debret e Rugendas, e também a sub-representatividade de artistas negros em galerias e museus. Nas abordagens relacionadas à arte, foi apontado o modo como a categoria “raça” é ignorada na história da arte brasileira, que escolhas se colocam ao artista negro e também a representação artística da violência colonial. Com relação à ciência, foi mostrado como o conhecimento ensinado nas escolas é eurocêntrico, masculino e excludente. A mesa do décimo oitavo encontro discutiu as inúmeras técnicas de controle social que já foram propostas para tentar ocultar a cultura negra e elementos da história da escravidão. Por fim, a última mesa, do décimo nono encontro, trouxe um rápido balanço da jornada, no

qual se valorizou a pluralidade de posições que foram apresentadas nos seminários, a diversidade e as múltiplas experiências de vida.

Convidamos você, leitor, para que embarque nessa jornada e se delicie com diferentes formas de conhecimento e compreensão do mundo. Boa leitura!

REFERÊNCIA

PLAZA, J. Arte/ciência: uma consciência. *ARS*, São Paulo, v.1, n.1. p.37-47, 2003.